

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Comunicação:

Processos Comunicativos e Dispositivos Midiáticos

Maíra Lobato B. C. Moura Campos

Caso Yoki:

Uma análise à luz do conceito de acontecimento

BELO HORIZONTE

2012

Maíra Lobato B. C. Moura Campos

**Caso Yoki:
Uma análise à luz do conceito de acontecimento**

Artigo apresentado ao Curso de Pós Graduação *lato sensu* em Comunicação: Processos Comunicativos e Dispositivos Midiáticos como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Comunicação Social.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Paula Guimarães Simões

BELO HORIZONTE

2012

RESUMO

Este artigo pretende analisar o crime, ocorrido em maio de 2012, que ficou conhecido como “Caso Yoki”, através do conceito de acontecimento. Interessa-nos examinar a partir do discurso da Revista Veja, como se deu o processo de individuação deste acontecimento para observar como ele se insere no campo problemático referentes às questões de gênero e quais valores atuais da nossa sociedade aparecem e são reforçados durante a repercussão do caso. Para isso, duas edições da revista semanal formaram o corpus deste trabalho. A primeira edição, publicada em 13/06/2012, traz a matéria sobre o crime na capa. A segunda edição, publicada em 20/06/2012, além de trazer mais desdobramentos do acontecimento, mostra comentários de leitores sobre o ocorrido. Os resultados desta análise nos mostraram que traços machistas aparecem em discursos midiáticos como o de Veja. Há uma forte valorização dos homens em detrimento das mulheres. Os resultados nos revelaram ainda outros valores marcantes da sociedade em que vivemos como: posição social, o sucesso financeiro, a família, a confiança, a cumplicidade, a fidelidade, a justiça e a valorização da vida.

Palavras-chave: Acontecimento, Questões de Gênero, Machismo, Crime, Caso Yoki.

ABSTRACT

This paper aims to analyze a crime occurred in May 2012, which became known as " Yoki case". The analysis is developed using the concept of happening as analytical operator. We are interested in examining the discourse from the weekly Veja Magazine, and observe how occurred this happening's process of individuation. After this we intend to observe how the happening is introduced into the gender issues problem area. We intend to reflect which current values of our society appears and how this values are reinforced during the rebounding of this case. Two editions of the Veja Magazine were selected as a research corpus. The first edition, published on 13/06/2012, brings the story about the crime on the cover. The second edition, published on 20/06/2012, explains more about the happening's unfolding and shows comments from readers about what happened. The results of this analysis showed us that sexist characteristics appears in media discourses, as we noted through Veja Magazine speech. There is a strong depreciation of women compared to men.

The results also revealed other remarkable values of this society as the social status, financial success, family, trust, complicity, fidelity, justice and respect for life.

Keywords: Happening, Gender Issues, Sexism, Crime, Yoki Case.

Introdução

No dia 20 de maio de 2012, o empresário Marcos Kitano Matsunaga, de 42 anos, diretor-executivo da empresa de alimentos Yoki, desapareceu. A partir de seu desaparecimento, a polícia começa uma investigação e encontra várias partes de um corpo em diversos locais da Grande São Paulo. No dia 28 de maio de 2012, é encontrada a última parte, a cabeça, que permitiu o reconhecimento do corpo do empresário Marcos Matsunaga, feito pelo seu irmão. No dia 6 de junho de 2012, Elize Matsunaga, de 30 anos, esposa do empresário, confessou em depoimento à polícia de São Paulo ter matado e esquartejado o marido. Ela foi presa no dia 4 de junho de 2012.

O crime surpreendeu a polícia devido ao seu caráter de crueldade e frieza, como foi divulgado nos principais jornais e revistas do país. Desde o desaparecimento do empresário, a imprensa passou a noticiar cada elemento novo que surgia em relação ao crime e que poderia explicar o que havia se passado.

Na semana do dia 13 de junho de 2012, a Revista *Veja* trouxe na capa uma foto de Elize Matsunaga, com a seguinte manchete: “Caso Yoki – Mulher fatal – A história de Elize Matsunaga, assassina confessa, que esquartejou o marido milionário enquanto a filha dormia”. A reportagem referente à capa traz sete páginas tratando o caso com o seguinte título: “Especial – Fim do conto de fadas – O romance de um rico executivo que se casa com uma garota de programa começa como uma história de cinema e termina em tragédia”.

O objetivo deste artigo é analisar este crime à luz do conceito de acontecimento. Outro referencial teórico que acionamos nesta análise são as questões relativas ao gênero. Os termos observados no material coletado, como por exemplo “mulher fatal”, “marido milionário”, “rico executivo” e “garota de programa” nos apontam para o seguinte problema: De que forma as questões relativas às diferenças de gênero aparecem na análise do acontecimento “Caso Yoki”, a partir do material publicado pela revista *Veja*?

A partir da articulação com o conceito de acontecimento, o que se pretende neste artigo é analisar como se deu a individuação¹ deste acontecimento, quais os quadros de sentido foram acionados para explicá-lo e como este acontecimento se insere nos campos problemáticos referentes às questões de gênero.

¹ Na bibliografia consultada para este trabalho encontramos o termo individuação e individualização como sendo sinônimos. É importante esclarecer que estes termos designam o mesmo processo. Louis Quéré (2011) utiliza o termo individualização, conforme pode ser observado nas citações do autor utilizadas neste artigo. Optamos por utilizar a forma individuação, encontrada em destaque no texto de França (2011): “O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático”, e na tese defendida por Simões (2012), que analisou a constituição de celebridades contemporâneas à luz do conceito de acontecimento, intitulada “O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo”.

Conceito de Acontecimento

O conceito de acontecimento não é algo novo. Ele sempre chamou atenção dos estudiosos da área de ciências humanas. Como afirma Vera França (2012), esse conceito vem recebendo uma ênfase significativa no campo das Ciências Sociais e, principalmente, da Comunicação. “Ele se mostra como um conceito relevante, dotado de forte potencial heurístico” (FRANÇA, 2012, p. 39).²

Em relação ao acontecimento, a perspectiva com a qual trabalhamos nesta análise é a pragmatista, tomando como base o modelo praxiológico da comunicação³, proposto pelo sociólogo Louis Quéré (2005). Segundo Quéré (2005), “o acontecimento é o que vem de fora, o que surge, o que acontece, o que se produz, o excepcional que se desconecta da duração” (QUÉRÉ, 2012, p.21). O autor se refere à obra “*Experience and Nature*”, do filósofo Jonh Dewey, que afirma que “o acontecimento deve ser apreendido sob a categoria do *becoming*, ou seja, da mudança existencial” (QUÉRÉ, 2012, p.22). Quéré destaca ainda que:

o enunciado precedente de Dewey comporta uma parte considerável de mistério: uma mudança existencial seria um vir a ser, mas não um acontecimento propriamente dito; para que se torne um acontecimento, é necessário que ele seja saliente para um observador em um entorno, que se torne um objeto de atenção e de observação sob um aspecto particular. (QUÉRÉ, 2012, p. 23-24)

Nesse sentido, a proposta de Quéré possibilita uma análise extremamente interessante, já que enfatiza o contexto, a experiência e a ação dos sujeitos. O autor entende o acontecimento como uma profusão de sentidos que instaura uma descontinuidade na experiência. Há que se considerar algumas questões em relação ao acontecimento apontadas por Quéré.

Simões (2012) trabalha com a perspectiva proposta por Quéré e destaca dois pontos fundamentais para a compreensão do conceito:

1) os acontecimentos são, em geral, marcados pela imprevisibilidade, têm algo de inesperado, mesmo que sejam programados, na medida em que instauram uma descontinuidade na experiência daqueles sujeitos que são por eles afetados (QUÉRÉ, 2005). 2) mesmo que sejam deslocados do seu contexto original, os acontecimentos não perdem sua dimensão de sentido e

² Esse potencial pode ser observado em diferentes estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS) da UFMG, que realizou em maio de 2011 o II Colóquio sobre Imagem e Sociabilidade (II CIS), que se dedicou ao conceito de acontecimento e suas reverberações.

³ “O modelo praxiológico está fundado na reflexividade inerente às trocas sociais e busca compreender a comunicação enquanto prática constituidora da vida social” (FRANÇA, 2003, p.37). Para este modelo a comunicação tem um “lugar de constituição dos fenômenos sociais, atividade organizante da subjetividade dos homens e da objetividade do mundo” (FRANÇA, 2003, p.43).

de experiência, já que ela é fundadora da própria noção de acontecimento. (SIMÕES, 2012, p. 86)

Dessa forma, o conceito de experiência é fundamental na perspectiva de Quéré. Tomaremos o conceito de experiência utilizado por Simões (2012) que enfatiza a dimensão interacional da mesma com base nos pragmatistas George Herbert Mead e John Dewey. A pesquisadora destaca que “Mead refere-se à experiência como uma parte do processo vital dos seres vivos, que inclui as ações destes em relação ao meio ambiente. [...] a concepção de experiência proposta por Mead enfatiza a dimensão interativa que constrói a relação entre organismo e ambiente.” (SIMÕES, 2012, p.87).

Em relação ao pragmatista John Dewey, Simões (2012) afirma que esse autor

ênfatisa a experiência como uma *travessia*, marcada por uma dupla dimensão: a experiência se constitui a partir da ação de um indivíduo, que inicia o percurso e, ao mesmo tempo, sofre algo em consequência daquela primeira ação. [...] ela se constitui na transação entre o agir e o reagir, entre o produzir e o sofrer. (SIMÕES, 2012, p.87)

Ao tratar essa questão da experiência com base no pragmatismo, Simões (2012) articula esta noção com o papel da linguagem, o fluxo de significações e a ação dos sujeitos, e destaca que

pode-se considerar a experiência como resultado da interação entre os sujeitos e o mundo, em um processo marcado por ação, padecimento e transformação. Existem diferentes graus de experiência, que dependem do modo como os sujeitos são afetados por ela. Nesse processo, o papel da linguagem é central, já que é ela que institui o fluxo de significações que constrói a experiência em um contexto. Esta se efetiva, assim, na prática e na ação dos sujeitos, que articulam sentidos e temporalidades na conformação de sua vivência no mundo. (SIMÕES, 2012, p.90)

Esta noção de experiência proposta pelos pragmatistas é fundamental na abordagem de acontecimento proposta por Quéré. O autor situa o acontecimento no campo da experiência e da ação, chamando atenção para o poder de afetação dos acontecimentos sobre os sujeitos, ou seja, a passibilidade do acontecimento:

para evidenciar o lugar do acontecimento na organização da experiência [...] é preciso conseguir situá-lo corretamente na ordem de sentido [...] por outro lado inscrever a ação numa dinâmica em que a passibilidade do acontecimento e seu poder hermenêutico desempenhem um papel mais importante do que a motivação dos sujeitos. (QUÉRÉ, 2005, p. 60)

Quéré (2005) explora a dimensão do que chama de “suportar e agir” em relação ao acontecimento. Isso significa dizer que os sujeitos, ao mesmo tempo em que suportam o acontecimento (passibilidade), são, por ele, convocados também a agir.

Porque o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Se ele acontece a alguém, isso quer dizer que é suportado por alguém. [...] Quer dizer que ele afeta alguém, de uma maneira ou de outra, e que suscita reações e respostas mais ou menos apropriadas. (QUÉRÉ, 2005, p. 61).

Na perspectiva de Quéré, a passibilidade e este poder de afetação mútua entre os acontecimentos e os sujeitos resultam em uma operação que é responsável por desencadear sentidos acerca do acontecimento. Este é um aspecto fundante para o próprio conceito e para as várias questões que ele abarca como os limites “espaço-temporais” da ocorrência e a duração do próprio acontecimento. De acordo com Quéré, “o acontecimento apresenta um caráter inaugural, de tal forma que, ao produzir-se, ele não é, apenas, o início de um processo, mas marca também o fim de uma época e o começo de outra” (QUÉRÉ, 2005, p.60).

Outros dois pontos que merecem destaque ao tomarmos o conceito de acontecimento como fio condutor desta análise é a questão do poder hermenêutico e o aspecto processual com que devemos olhar para a ocorrência analisada. Seguindo a perspectiva de Quéré, Simões (2012) afirma que “o acontecimento não deve ser tomado como algo isolado do curso social da ação, mas deve ser apreendido a partir de seu aspecto *acontecimental*” (SIMÕES, 2012, p. 92).

Em relação ao poder hermenêutico do acontecimento, Quéré (2005) afirma que “o acontecimento é um fenômeno de ordem hermenêutica: por um lado ele pede para ser compreendido, e não apenas explicado, por causas; por outro, ele faz compreender as coisas – tem, portanto, um poder de revelação” (QUÉRÉ, 2005, p.60). Isso significa que o próprio acontecimento traz indícios para seu entendimento, como sugere Quéré:

os acontecimentos se tornam, eles próprios, fonte de sentido, fonte de compreensão e fonte de redefinição da identidade daqueles que afetam. Nessa perspectiva, em que o acontecimento vem antes dos sujeitos e das situações, é o que ele se torna através de seu percurso, e os efeitos de sentido que produz, que contribuem para individualizá-lo. É nesse sentido que se pode falar de um poder hermenêutico do acontecimento (QUÉRÉ, 2010, p. 35)

Sendo o acontecimento fonte de sentido e compreensão, não podemos reduzi-lo a uma visão simplista considerando apenas causas e consequências. E considerando esse poder hermenêutico, há que se olhar para elementos de dentro do próprio acontecimento para compreendermos um passado e um futuro da ocorrência, que não estão dados *a priori* e são construídos na emergência do acontecimento. Isto é, olhando para estes elementos podemos

fazer uma análise daquilo que o causou e do campo de possíveis que se abre a partir de então, como afirma Mendonça (2007):

dotado de certa autonomia, o acontecimento cria as condições para sua compreensão e contém um caráter revelador ao alterar tanto as possibilidades de leitura do passado (daquilo que o causou) como do futuro (à medida que inaugura campos de possíveis concebíveis) (MENDONÇA, 2007, p. 119-120)

Um último ponto que merece destaque em relação ao conceito é o que Quéré (2011) chama de uma dupla vida do acontecimento e sobre o processo de individuação. Estes dois aspectos serão fundamentais para a análise do acontecimento aqui em foco. Sobre o processo de individuação, Quéré (2011) afirma que

um acontecimento [...] é, tal como uma pessoa, um indivíduo. Se a individualização é diferenciação, segregação, unificação, qualificação, ela é também estruturação, integração, resolução de tensões e de contradições, engendramento de coerência e de significações. [...] o que me interessa é especificar as dimensões sociais destas operações de individualização efetuadas nos objetos, acontecimentos, pessoas, etc., ou seja, mostrar que essa individualização passa por uma socialização, no sentido de uma inscrição num mundo social (de sentido e de coerência estabelecidos, de instituições, de usos e de costumes, de hábitos e de capacidades de ação, etc). (QUÉRÉ, 2011, p. 14).

Podemos afirmar que este processo de individuação do acontecimento, considerado por Quéré, é o processo pelo qual todo acontecimento passa no momento em que, instaurada uma descontinuidade na experiência dos sujeitos, estes se movimentam no sentido de compreender e interpretar o que se passa ali. É este processo que irá constituir uma especificidade de cada acontecimento, que o tornará uma ocorrência particular.

Sobre o processo de individuação do acontecimento, Simões (2011) propõe uma análise por meio de três categorias construídas a partir das reflexões de Quéré:

1) *descrição*: esse eixo procura perceber como o acontecimento é identificado e descrito [...]; 2) *narração*: nessa categoria, busca-se perceber a organização narrativa da ocorrência em questão [...]; 3) *pano de fundo pragmático*: o objetivo aqui é apreender como os indivíduos são convocados a agir e se posicionar em relação ao acontecimento, a partir dos discursos que interpelam o público. (SIMÕES, 2011, p.2).

Esse processo de individuação dos acontecimentos está diretamente ligado à *dupla vida do acontecimento*. Para Quéré (2012), os acontecimentos possuem uma vida no momento em que emergem na experiência dos sujeitos e outra no momento em que ganham sentido a partir da simbolização que é realizada através da linguagem. Ele afirma que “os acontecimentos deixam de ser, assim, simples mudanças existenciais. Eles se transformam em objetos dos quais nos tornamos conscientes, em ‘coisas com significados’, porque são estes

[...] que suscitam na prática, nosso interesse” (QUÉRÉ, 2012, p.31). Nesse sentido, entendemos que a mídia participa desse processo de simbolização dos acontecimentos, conferindo sentidos aos mesmos através da linguagem. Com isso, ela participa da individuação dessas ocorrências, conferindo uma singularidade a elas.

O conceito de acontecimento que utilizamos neste artigo segue, então, essa perspectiva apresentada acima, que está assentada em uma visão pragmatista e em um modelo praxiológico de comunicação. Este conceito nos possibilita uma compreensão bastante rica de aspectos do mundo no qual se insere o acontecimento analisado. Compreensão esta que se fará a partir da articulação desta perspectiva com reflexões relacionadas às questões de gênero, que apresentaremos na seção a seguir.

Questões de Gênero

A utilização de conceitos relacionados às questões de gênero neste artigo pretende propor uma reflexão sobre como os papéis sociais relativos ao lugar do homem e da mulher na sociedade aparecem nos discursos analisados. Para Nascimento (2010), “o gênero é uma construção cultural contraída e transmitida nas estruturas sociais que depende de como uma sociedade enxerga a relação que transforma um macho em homem e uma fêmea em mulher” (NASCIMENTO, 2010, p.27). A pesquisadora afirma também que “a hierarquia de gênero nos mostra uma situação na qual o poder e o controle social sobre o trabalho, os recursos e os produtos são associados à masculinidade.” (NASCIMENTO, 2010, p.27).

A origem dos estudos sobre gênero e sobre as questões que envolvem essa temática é um ponto importante para se compreender as abordagens feitas pelos pesquisadores e traçar uma linha conceitual a ser seguida aqui. Matos (2008) destaca que

é certo e já estabelecido que gênero, como um conceito, surgiu em meados dos anos 70 e disseminou-se instantaneamente nas ciências a partir dos anos 80. Tal reformulação surgiu com o intuito de distinguir e separar o sexo - categoria analítica marcada pela biologia e por uma abordagem essencializante da natureza ancorada no biológico – do gênero, dimensão esta que enfatiza traços de construção histórica, social e sobretudo política que implicaria análise relacional. (MATOS, 2008, p.336)

A importância dos estudos de gênero no campo das ciências humanas é sempre destacada pelo caráter emancipatório que lhe é atribuído pelos pesquisadores, como ressalta ainda Matos (2008) ao dizer que

através de significados e re-significações produzidos e compartilhados na nova perspectiva analítica e que transversalizam dimensões de classe, etárias, raciais e sexuais, gênero tem tido o papel fundamental nas ciências humanas de denunciar e desmascarar ainda as estruturas modernas de muita

opressão colonial, econômica, geracional, racista e sexista, que operam há séculos em espacialidades (espaço) e temporalidades (tempo) distintas de realidade e condição humanas. (MATOS, 2008, p.336)

Ao pensarmos nas questões que envolvem as relações de gênero, não podemos destacar os conceitos acionados do contexto no qual foram desenvolvidos. Os estudos sobre relações de gênero carregam consigo quase que uma bandeira ideológica e legislam por causas determinadas. A relação que se tem do surgimento destes estudos com os ideais feministas é extremamente estreita e diz muito sobre a forma como os conceitos foram sendo delineados. Como afirma Matos (2008) “gênero pretendia tornar explícita tal subordinação feminina e acompanhar o movimento no sentido da busca da igualdade no exercício dos direitos e das oportunidades” (MATOS, 2008, p. 337).

Os autores que tratam do tema sempre ressaltam a questão dessa construção cultural intrínseca ao conceito de gênero e da distinção que se faz entre gênero e sexo. Butler (2008) afirma que

concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. [...] Se o gênero são significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. (BUTLER, 2008, p. 24)

Já a historiadora Joan Scott (1986) define gênero como “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos [...] gênero é um modo primário de significar relações de poder”.⁴ (SCOTT, 1986, p. 1067).

Partindo dessa perspectiva, Corrêa (2011) destaca que “as questões de gênero, articuladas com as relações de poder, colocam em evidência aspectos importantes para a compreensão dos mais diversos fenômenos sociais”. (CORRÊA, 2011, p. 70). Este é um aspecto referente às questões de gênero fundamental para a análise proposta neste artigo.

Em relação à dominação, Arán e Peixoto (2007) afirmam que

a nomeação do sexo é um ato performativo de dominação e coerção que institui uma realidade social através da construção de uma percepção da corporeidade bastante específica. A partir dessa perspectiva pode-se entender que o gênero é uma “identidade tenuamente construída através do tempo” por meio de uma repetição incorporada através de gestos, movimentos e estilos (BUTLER, 2003, p.200) (ARÁN; PEIXOTO, 2007, p.134)

⁴ Do original: “Gender is a constitutive element of social relationships based on perceived differences between the sexes, and gender is a primary way of signifying relationships of power.”

Mas não é apenas a questão do gênero ser entendido como uma construção social que preocupa os autores. Os efeitos dessa abordagem também são apontados. Para Áran e Peixoto (2007) “o gênero não é nem a expressão de uma essência interna, nem mesmo um simples artefato de uma construção social. O sujeito *gendrado* seria, antes, o resultado de repetições constitutivas que impõem efeitos substancializantes.” (ARÁN e PEIXOTO, 2007, p.133).

Em nossa sociedade, a hierarquia de gênero ainda está muito assentada em uma dominação masculina, que configura o machismo – um traço muito importante na análise realizada neste trabalho. Para Nascimento (2010), “a hierarquia de gênero nos mostra uma situação na qual o poder e o controle social [...] são associados à masculinidade.” (NASCIMENTO, 2010, p.27). O machismo pode ser entendido como o “conjunto de valores e normas que têm como objetivo manter privilégios dos homens em detrimento dos direitos das mulheres” (AZERÊDO, 2007, p.119).

O tensionamento entre as questões de gênero e as relações de poder que se estabelecem entre homens e mulheres em um relacionamento é um importante elemento para compor o pano de fundo no qual o acontecimento em questão se insere. Perceber de que maneira as questões de gênero podem ser vistas como um “modo primário de significar relações de poder”, como afirma Scott, será uma ideia fundamental para embasar a análise sobre a forma como a mídia tratou o empresário assassinado e Elize Matsunaga, na construção das notícias sobre o caso. Esses serão, então, os conceitos e teorias que pretendemos acionar para a construção da análise do “Caso Yoki” através da metodologia explicada a seguir.

Metodologia

A estratégia metodológica utilizada na elaboração deste trabalho procura construir uma possibilidade de análise que dê conta de compreender como se deu o processo de individuação do acontecimento “Caso Yoki” e como as questões de gênero aparecem neste processo.

Este processo de individuação, pelo qual todo acontecimento passa e que o torna uma ocorrência particular, é definido por Quéré (2011) como sendo “o conjunto de operações através das quais este (o acontecimento) se torna observável e apreensível como indivíduo determinado, dotado de uma unidade e de uma coerência”. (Quéré, 2011, p.13). O sociólogo também atribui a este processo, as significações e identidades que são conferidas ao acontecimento. É importante destacar que, para Quéré, o que interessa são as “dimensões sociais destas operações de individualização [...] no sentido de uma inscrição num mundo

social (de sentido e de coerência estabelecidos, de instituições, de usos e de costumes)”. Tomamos, então, esta perspectiva proposta por Quéré para definir nosso método de análise e olhar para o *corpus* selecionado.

Dessa forma, o método de análise de dados utilizado foi a *análise do acontecimento*, a partir de três categorias definidas com base na discussão apontada acima e na grade analítica utilizada por Simões (2011)⁵, sendo elas:

1 – descrição: nesta categoria, analisamos como é feita a descrição do acontecimento, como são estabelecidas as relações com outros acontecimentos e quais os quadros de sentidos⁶ são acionados nesta descrição.

2 – narração: neste eixo, compreendemos como é construída a narrativa em torno do acontecimento, ou seja, de que maneira se constitui, a partir dele mesmo, um passado e um futuro.

3 – constituição de um pano de fundo pragmático: nesta categoria, apreendemos de que maneira o discurso é construído de modo a convocar os sujeitos a se posicionarem em relação ao caso. Neste momento, também foi possível perceber em quais campos problemáticos este acontecimento se insere.

A partir deste método, foi possível apontar como as questões de gênero aparecem através do enquadramento dado pelo material que compõe o *corpus*; analisar quais os quadros de sentidos foram acionados para explicar este acontecimento; mostrar quais os campos de possíveis se abrem a partir dele; e analisar em quais campos problemáticos este acontecimento se insere.

Sobre o *corpus* selecionado para esta análise, utilizamos duas edições da revista semanal *Veja* que publicaram matérias jornalísticas sobre o “Caso Yoki”.⁷ Na primeira edição (nº 2273, publicada em 13/06/2012), o caso é noticiado pela primeira vez, em matéria de capa. A edição traz uma foto de Elize Matsunaga que ocupa toda a capa da publicação, com a seguinte manchete: “Mulher Fatal”; e com o subtítulo: “A história de Elize Matsunaga, assassina confessa, que esquartejou o marido milionário enquanto a filha dormia”. E a matéria

⁵ A grade analítica definida por Simões (2011) é decorrente da reflexão de Louis Quéré sobre a individuação do acontecimento. Estas três categorias baseiam-se em uma adaptação da grade proposta por Quéré para a análise de acontecimentos na mídia, realizada por França (2009), em um estudo sobre a cobertura midiática do assassinato de Eloá (em outubro de 2008).

⁶ Podemos entender que os quadros de sentido são as referências que os sujeitos acionam para compreender determinada ocorrência. É o que nos permite entender e reconhecer o que se passa em determinado acontecimento. De acordo com França (2012) “nós percebemos as coisas ao nosso redor organizando o percebido em quadros, compondo conjuntos reconhecíveis [...]. Tais quadros, no entanto, não são construções individuais, mas resultados de nossa inserção na cultura”. (FRANÇA, 2012, p. 48)

⁷ O acervo destas publicações está disponível para acesso online e gratuito no endereço eletrônico: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.

sobre o caso, composta por sete páginas, traz o título: o “Fim do conto de fadas”, e o seguinte subtítulo: “O romance de um rico executivo que se casa com uma linda garota de programa começa como uma história de cinema e termina em tragédia”.

Na segunda edição (nº 2274, publicada em 20/06/2012), há vários comentários de leitores sobre o caso e uma matéria de duas páginas sobre o crime, com o seguinte título: “Reviravolta Macabra”, e com subtítulo: “Laudo da perícia contradiz a versão apresentada à polícia por Elize Matsunaga e revela que ela degolou o marido e cortou seus braços quando ele ainda estava vivo”.

Entendemos que os discursos construídos pela *Veja* atuaram na individuação deste acontecimento. É certo que a revista não traz todas as dimensões do mesmo, e o olhar que se faz possível a partir de seus textos é parcial. Entretanto, a análise desses discursos nos permite apreender inúmeros sentidos que conformaram uma *segunda vida* para esse acontecimento, revelando aspectos significativos não apenas do acontecimento em sua *primeira vida*, ou seja, do momento em que ele emerge, mas da sociedade em que vivemos.

A individuação do acontecimento “Caso Yoki”

A partir do *corpus* selecionado, construiremos nesta seção, uma análise de como se deu o processo de individuação do acontecimento “Caso Yoki”. De acordo com a metodologia descrita na seção anterior, esta análise será feita em três categorias: descrição, narração e constituição de um pano de fundo pragmático. Isso nos permitirá perceber de que forma este acontecimento, ao instaurar uma descontinuidade na experiência dos sujeitos, foi explicado, quais foram os quadros de sentido acionados para compreendê-lo, como ele configurou um passado e um futuro para a ocorrência e convocou os sujeitos a se posicionarem. Com isso, pretendemos mostrar como os valores cultivados pela nossa sociedade, referentes às questões de gênero, emergem deste contexto, e como este acontecimento se torna então, uma ocorrência particular.

Descrição

A revista *Veja* faz uma descrição detalhada do assassinato de Marcos Matsunaga de tal forma a posicionar claramente os envolvidos no crime em lugares opostos, marcados fortemente por posições sociais. *Veja* descreve o caso como uma “tragédia”, termo utilizado pela revista com ênfase em vários momentos nos textos analisados. Este caráter trágico é

ressaltado ao colocar em títulos, legendas, infografias e outros espaços de destaque expressões como “uma história de cinema termina em tragédia”⁸ e “vidas amargas”⁹.

Um aspecto muito forte observado na descrição do crime feita pela revista e que reforça este caráter trágico conferido ao acontecimento é a ênfase dada aos detalhes do crime e às minúcias que mostram como Elize matou o marido. Na edição¹⁰ em que o crime é noticiado pela primeira vez, *Veja* traz duas infografias que descrevem, passo a passo, como tudo aconteceu. A primeira infografia¹¹ mostra com bastante destaque, com desenhos em quadros sucessivos, como foi a discussão, a briga, o assassinato e as atitudes de Elize para se livrar do corpo de Marcos.

O que observamos no material analisado é que o acontecimento é descrito pela revista como uma história de terror. Além deste caráter de tragédia conferido ao crime, percebemos que *Veja* ressalta vários aspectos em relação à crueldade do assassinato. Ao olharmos para estas infografias percebemos nitidamente este ponto. A primeira¹² delas, mostra, através de desenhos, a cabeça de Marcos sendo atingida pelo tiro, o corpo do empresário sendo puxado por Elize e deixando rastros de sangue, e uma pessoa (que sugere ser Elize) segurando uma faca em direção ao corpo. Na outra infografia¹³, com o título “O tronco é a parte mais difícil”, *Veja* detalha como foi o esquartejamento do corpo de Marcos, mostrando quanto tempo foi gasto, quais as partes foram cortadas primeiro e quais instrumentos foram utilizados. As duas infografias mencionadas acima apontam para o caráter de terror, crueldade e frieza, atribuído ao acontecimento.

Além deste caráter de terror e tragédia, percebemos também que a revista aponta o caso como um crime passional em sua descrição. Ao descrever o crime, *Veja* destaca elementos como as brigas que ocorriam entre o casal, o ciúme que havia entre eles, a traição cometida por Marcos, e a contratação de um detetive particular feita por Elize. Outros elementos que reforçam este caráter passional do crime são as falas de Marcos no momento da discussão que antecede o crime e os detalhes da briga como um tapa que o empresário teria dado em Elize.

Em relação aos protagonistas da história, também é possível observar como a revista os descreve. A descrição de Marcos Matsunaga feita nos textos analisados ressalta sua

⁸ FIM do conto de fadas. *Veja*, p. 85, 13 de junho de 2012.

⁹ CARTAS dos leitores. *Veja*, p. 36, 20 de junho de 2012.

¹⁰ MULHER fatal. *Veja*, São Paulo, edição 2273, 13 de junho de 2012.

¹¹ FIM do conto de fadas. *Veja*, p. 86, 13 de junho de 2012.

¹² FIM do conto de fadas. *Veja*, p. 86-87, 13 de junho de 2012.

¹³ FIM do conto de fadas. *Veja*, p. 89, 13 de junho de 2012.

posição social de destaque, como sendo um “empresário bem sucedido”, um “executivo rico, cavalheiro e educado”, o “herdeiro de uma empresa bilionária”. Os termos utilizados para se referir a ele apontam traços que ressaltam uma grande valorização da classe social a qual ele pertencia e conferem grande importância ao dinheiro e à riqueza do empresário. O texto da revista explora muito as informações que conferem este prestígio social à vítima e retoma este aspecto em toda a descrição feita do caso.

Em relação a Elize Matsunaga, a descrição aponta para o mesmo aspecto de uma grande valorização da classe social. A forma como a revista se refere a ela nos textos reforça essa diferença social estabelecida entre ela e o marido. Elize é caracterizada como uma “moça pobre”, “nascida no interior”, “criada sem o pai”, “filha de empregada doméstica”. Além destes termos, a forma que a revista mais utiliza para se referir a ela é como “prostituta” e “ex-garota de programa”. Estes termos são muito utilizados e nos mostram como há uma intenção clara de desqualificar a mulher e atribuir o comportamento dela como assassina, à questão de ter sido uma prostituta ou de não ter nascido em “berço de ouro” como o empresário.

Todos estes pontos nos mostram como foi sendo construído o caráter particular deste acontecimento e como foram sendo acionados vários quadros de sentido para compreender o que se passava. Estes aspectos conferem singularidade e individualidade ao caso, evidenciam características próprias, o tornam particular. A maneira como *Veja* descreve este acontecimento nos aponta para as questões que serão tratadas na próxima seção: de que forma é construída a imagem de Marcos e Elize neste acontecimento, qual foi a narrativa elaborada pela revista que conferiu um passado e um futuro a esta ocorrência, e como estas questões conferem particularidade a este acontecimento e nos apontam valores presentes em nossa sociedade.

Narração

Na seção anterior, ao analisar a descrição do acontecimento em questão, percebemos que há uma construção narrativa em torno dele. Essa construção narrativa configura uma intriga que se propõe a dar conta de expor o que se passou e inscrever o acontecimento em um determinado recorte espaço-temporal, conferindo-lhe certa temporalidade.

O texto construído pela revista atribui um caráter quase ficcional ao caso. Em várias passagens das matérias analisadas, o caso é comparado a filmes e histórias literárias. Em termos como “Fim do conto de fadas”, “filme de terror” e trechos como “o romance de um

rico executivo que se casa com uma linda garota de programa começa como uma história de cinema e termina em tragédia”¹⁴ e “terminam aí as coincidências entre a vida do casal [...] e as histórias de cinema como *Uma linda Mulher*”¹⁵, fica evidente este paralelo que a revista estabelece entre o caso em questão e mundo da ficção, atribuindo um tom de espetáculo e criando sentidos de um romance para a história.

Um ponto evidente na análise da narrativa construída sobre o caso é o fato de que os traços machistas, fortemente observados na sociedade em que vivemos, aparecem como um valor que orienta a construção da imagem de Elize e Marcos. As matérias mostram que Marcos mantinha relações com uma amante e traía Elize, mas em nenhum momento percebemos que este fato desqualifica a imagem do empresário. Em momento algum, a traição cometida por ele é colocada pela revista como um elemento que defina a personalidade ou o caráter de Marcos. Por outro lado, o fato de Elize ser mãe de uma criança herdeira da fortuna de Marcos, e ser casada oficialmente com o empresário, passando a pertencer assim à mesma classe social que ele, não confere a ela nenhum tipo de prestígio. Ou seja, o traço que se sobressai na descrição de Elize é o fato de ter sido prostituta.

As matérias analisadas buscam construir um passado para o acontecimento que reforça ainda mais os aspectos mencionados na descrição. A história de vida e a trajetória deles, tanto enquanto um casal como quando eram solteiros, é evocada nas matérias. *Veja* se preocupa em buscar e contar detalhes da vida de cada um destes personagens.

No caso de Marcos, os pontos destacados pela revista são a origem rica e tradicional de sua família, os lugares renomados onde estudou e o bom desempenho escolar, o bairro onde passou sua infância, as características positivas que tinha como pessoa, os bens materiais que possuía, o fato de que era casado quando conheceu Elize, o gosto refinado e o bom comportamento do empresário.

E, no caso de Elize, os aspectos destacados se opõem completamente às qualidades de Marcos. Os fatos destacados de seu passado são sua origem humilde e de uma cidade do interior, seu trabalho como “prostituta de luxo”, seu grau de instrução (inferior ao do empresário), seu comportamento como ciumenta e possessiva, a questão de ter sido amante de Marcos quando ele ainda era casado com a primeira esposa, o fato de não trabalhar, os presentes que recebia de Marcos.

Além disso, ao ressaltar características físicas de Elize, *Veja* também reforça uma visão machista que enxerga a mulher como um “objeto de desejo e perdição”. O trecho

¹⁴ FIM do conto de fadas. *Veja*, p. 85, 13 de junho de 2012.

¹⁵ FIM do conto de fadas. *Veja*, p. 85, 13 de junho de 2012.

“mulher loira, de traços delicados, corpo sinuoso [...] chamaram atenção do jovem executivo”¹⁶ nos permite perceber esse aspecto machista que enxerga o corpo da mulher como um objeto e que a coloca em um lugar de vilã.

Já em relação ao relacionamento dos dois antes do crime, a revista também procura destacar alguns pontos interessantes. Mas é possível afirmar que essas características reforçadas por *Veja* em relação ao relacionamento de Marcos e Elize intensificam o ponto de vista machista que prevalece. Os textos se referem a Marcos como a parte positiva do relacionamento, afirmando que ele “a cobria de presentes” e que era muito “cavalheiro”. E se referem à Elize basicamente como a ex-prostituta, ressaltando sempre estes fatos negativos de seu passado.

Um aspecto que chama atenção para esta questão do machismo é que, o comportamento agressivo de Marcus não é ressaltado nas matérias. O fato de que Marcus deu um tapa em Elize durante a discussão que antecedeu o crime e disse frases agressivas como “vou te mandar de volta para o lixo de onde você veio”¹⁷ é mencionado, mas não se sobressai como uma característica do empresário. Pelo contrário, a revista o caracteriza como “um homem à moda antiga. Abria a porta do carro para Elize e levantava-se da mesa para puxar-lhe a cadeira até quando ela ia ao banheiro”¹⁸.

O passado do acontecimento é configurado também, além da narrativa referente às histórias de vida de Marcos e Elize, pela história do relacionamento dos dois e pelos momentos em comum que viveram. Neste sentido, percebemos também que o caráter atribuído a este passado é de um “conto de fadas”. A revista enfatiza os aspectos que mostram o quão harmoniosa era a vida do casal. Isso pode ser constatado em trechos como: “Juntos iam à missa, faziam cursos e frequentavam ótimos restaurantes [...]”¹⁹ e “foram os dias de ouro do casal”²⁰.

Já em relação ao futuro que a narrativa construída por *Veja* propõe para o acontecimento, podemos observar que as informações enfatizam a questão do julgamento de Elize e o desdobramento que o caso terá na justiça. Não há uma preocupação muito relevante da revista com relação ao futuro da filha do casal, herdeira do empresário. A questão é mencionada sim, mas de maneira superficial. E sobre o futuro de Elize, não observamos uma

¹⁶ FIM do conto de fadas. *Veja*, p. 85, 13 de junho de 2012.

¹⁷ FIM do conto de fadas. *Veja*, p. 86, 13 de junho de 2012.

¹⁸ FIM do conto de fadas. *Veja*, p. 87, 13 de junho de 2012.

¹⁹ FIM do conto de fadas. *Veja*, p. 87, 13 de junho de 2012.

²⁰ FIM do conto de fadas. *Veja*, p. 86, 13 de junho de 2012.

ênfase proporcional à importância atribuída aos trechos que se dedicam a explorar os aspectos referentes à vida do empresário Marcos e de sua família.

O que podemos observar são dois trechos curtos que problematizam de maneira superficial questões referentes ao futuro de Elize: um deles trata resumidamente da possibilidade de distúrbios psiquiátricos para explicar razões que ela teria para cometer o crime; e o outro afirma que ela “passará um longo tempo na prisão, sem direito à herança e sem saber o que será do futuro da filha. Para Elize, o conto de fadas terminou. Para a família de Marcos, restaram as imagens de um filme de terror”²¹. Neste último trecho da matéria, percebemos um caráter trágico em relação ao futuro Elize e um tom dramático em relação à família do empresário.

A narração deste acontecimento por *Veja* nos mostra o campo de possíveis que se abre, uma vez que podemos pensar em inúmeros desdobramentos para este acontecimento. Mesmo que o futuro deste caso já esteja praticamente definido, uma vez que Elize confessou o crime, e apesar das matérias explorarem o futuro dela com uma ênfase menor, há várias possibilidades de desdobramentos para o caso. A partir do passado construído pela narrativa da revista e da descrição da ocorrência, este campo de possíveis, marcado por uma profusão de sentidos desencadeada pelo acontecimento, permite que se faça diversas proposições sobre o desfecho do caso, do mais óbvio ao mais inesperado.

Uma das matérias analisadas mostra claramente esta questão. Com o título “Reviravolta Macabra”, a matéria da edição 2274 de *Veja* aborda as contradições que aparecem entre a confissão de Elize e o laudo da perícia do crime. Podemos observar que, mesmo com o final determinista trazido pela matéria da edição 2273, o acontecimento ainda continha uma série de possibilidades de desfecho, como abordado na edição seguinte. A matéria da edição 2274 traz detalhes e minúcias sobre a perícia do crime e sobre a forma como Elize assassinou e se livrou do corpo do marido, também exploradas na edição anterior. Porém, nesta segunda abordagem, a revista procura construir uma narrativa mais ancorada às questões técnicas do crime, ouvindo inclusive especialistas para comentar o laudo. Mas as referências feitas a Elize continuam seguindo o mesmo tom, tratando-a como “ex-garota de programa” e “assassina”.

Ainda analisando a questão do campo de possíveis que se abre com o acontecimento, há um trecho que nos permite uma reflexão interessante:

Não há dúvida, porém, que o peso atribuído por um júri popular ao crime da mulher que matou o marido cegada pelo ciúme e pelo pavor de perder tudo –

²¹ FIM do conto de fadas. *Veja*, p. 90, 13 de junho de 2012.

da vida de luxo à guarda da filha – é bem diferente daquele que recairia sobre uma assassina que, a sangue-frio, o esquartejou vivo. À defesa de Elize caberá agora provar que ela é só uma assassina, e não um monstro.²²

No trecho acima, percebemos que há uma indeterminação em relação ao futuro de Elize, o que não se observa com tanta ênfase na edição anterior. Percebemos que há um tom de “vamos ver o que será dela em relação à opinião pública”. Podemos notar que neste trecho, *Veja* encerra a matéria levantando a questão do júri popular, ou seja, neste momento ela chama toda a sociedade para refletir sobre o caso, convocando os sujeitos a se posicionarem. Este é o ponto que será explorado na seção seguinte.

Constituição de um pano de fundo pragmático

O poder de afetação do acontecimento sobre os sujeitos é um aspecto importante a ser pensado, na medida em que irá ser fundamental na constituição dos públicos e na duração do próprio acontecimento. É importante ressaltar que este poder de afetação é algo reflexivo e diz de uma afetação que é mútua, ou seja, tanto os sujeitos são afetados pelo acontecimento, quanto o afetam, acionando quadros de sentidos para compreendê-lo e propondo uma diminuição na descontinuidade da experiência que tiveram através da inscrição desta ocorrência em redes de significações.

O discurso da revista *Veja* sobre o “Caso Yoki” convoca os sujeitos a se posicionarem e constitui diversos públicos. Os públicos constituídos neste caso são: os leitores de *Veja*, os jornalistas, os familiares e amigos diretamente envolvidos no caso, as pessoas que possivelmente irão compor o júri popular, os advogados, os policiais e investigadores do crime, os juízes, as pessoas comuns, etc. No caso desta análise trataremos apenas das manifestações dos leitores trazidas pela revista, em sua seção “Leitor”²³.

Na segunda edição analisada (nº 2274), observamos vários comentários de leitores sobre o caso. É interessante observar que os comentários dos leitores trazidos pela revista nem sempre coincidem com o ponto de vista hegemônico das matérias e com o tom dado pelos textos jornalísticos publicados na *Veja*.

A partir da análise feita podemos afirmar que *Veja* se posiciona claramente contra Elize e a favor do empresário. Em relação a esta questão, devemos ressaltar que a natureza do crime influencia o enfoque predominante dado pela revista. É possível pensar que, talvez se os papéis fossem invertidos, a narrativa poderia ser conduzida em outra direção. Este

²² REVIRAVOLTA Macabra. *Veja*, p. 89, 20 de junho de 2012

²³ CARTAS dos leitores. *Veja*, p. 36-40, 20 de junho de 2012.

posicionamento de *Veja* nos possibilita uma reflexão acerca dos valores que são reforçados pelas matérias. Os valores de tradição familiar, prestígio das classes sociais mais elevadas, domínio masculino *versus* inferioridade feminina, são enfatizados o tempo inteiro no discurso da revista através dos termos utilizados e da ênfase dedicada às informações. Por outro lado, os comentários dos leitores publicados nos apontam também para outros posicionamentos.

Alguns comentários podem ser destacados para ilustrar este aspecto: “A humilhação pode levar um ser humano que se diz incapaz de matar uma mosca a se tornar um assassino”²⁴. Na fala desta leitora, percebemos um tom mais compreensivo em relação a Elize, que não a coloca como um “monstro” e que considera os problemas enfrentados por ela no casamento com Marcos.

Já neste outro trecho: “faz mais de um ano, passei por isso – mesmo não tendo havido crime. Uma traição me pegou de surpresa e minha vida mudou completamente”²⁵, constatamos como o acontecimento afetou os sujeitos, gerando inclusive identificação de alguns com os personagens envolvidos no caso. O posicionamento desta leitora em relação à Elize também não coincide com o olhar percebido nas matérias da *Veja*.

Há alguns comentários de leitores que se posicionam contra Elize: “É inadmissível como ainda há pessoas que acreditam que tirar a vida do companheiro é a melhor maneira de resolver um problema conjugal”²⁶. Mas este não é um ponto de vista que predomina nos comentários observados. O que podemos ver é um certo equilíbrio em relação as manifestações presentes na publicação. Entre os 14 comentários sobre o caso, uns se colocam claramente contra Elize, outros relativizam suas atitudes, alguns apontam possíveis justificativas para o crime, e outros questionam inclusive a decisão da revista de conceder tal destaque ao ocorrido.

Enfim, independente da maneira como os leitores se posicionaram, se totalmente contra a assassina ou de maneira a relativizar o crime cometido por ela, a reflexão à que precisamos nos ater é o fato de que o acontecimento convocou os sujeitos a se posicionarem de alguma forma. Assim, os sujeitos que são convocados a agir irão constituir, então, os públicos afetados pelo acontecimento em questão.

Os públicos constituídos nos possibilitam então, perceber como se dá esta inscrição do acontecimento em um pano de fundo pragmático e apontar os valores da nossa sociedade que aparecem através deles. Valores como a família, a confiança, a cumplicidade, a fidelidade, a

²⁴ CARTAS dos leitores. *Veja*, p. 36, 20 de junho de 2012.

²⁵ CARTAS dos leitores. *Veja*, p. 36, 20 de junho de 2012.

²⁶ CARTAS dos leitores. *Veja*, p. 36, 20 de junho de 2012.

justiça, o bom comportamento, e a importância da vida aparecem como um traço marcante nos discursos do público aqui analisado.

Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi analisar o crime, ocorrido em maio de 2012, que ficou conhecido como “Caso Yoki” à luz do conceito de acontecimento. A partir da análise de como se deu a individuação deste acontecimento pelo discurso da Revista *Veja*, foi possível observar questões relativas aos problemas de gênero presentes em nossa sociedade atualmente.

O conceito de acontecimento se mostrou bastante rico para promover este estudo. Foi possível perceber de que forma o acontecimento analisado passou por um processo de individuação que lhe conferiu um caráter particular. Este processo que se deu através da simbolização do acontecimento promovida pela maneira como a *Veja* noticiou o caso, também nos permitiu perceber que a ocorrência em questão afetou os sujeitos, convocou-os a agir e se posicionar, constitui públicos, acionou quadros de sentido que permitissem sua compreensão e conferiu uma *segunda vida* ao acontecimento revelando importantes aspectos da sociedade em que vivemos.

A análise nos mostrou como os traços machistas presentes em nossa sociedade ainda persistem e são reforçados por discursos midiáticos como o de *Veja*. A partir deste estudo, podemos afirmar que ainda há um prestígio social maior conferido aos homens em detrimento das mulheres, e que há uma valorização masculina muito forte em nossa sociedade, o que reforça o machismo. Também foi possível observar que valores como a posição social, o sucesso financeiro, o bom comportamento, a família, a confiança, a cumplicidade, a fidelidade, a justiça e a importância da vida são traços marcantes em nossa sociedade.

É importante ressaltar que análises como esta nos apontam para o fato de que as questões de gênero não estão resolvidas, como muitas vezes nos revela o senso comum. Os resultados mostrados neste artigo ressaltam que há uma falsa impressão em relação aos problemas de gênero presentes na nossa sociedade e que o machismo ainda é um traço marcante no mundo em que vivemos e que merece ser problematizado.

Os resultados observados neste artigo nos mostram uma série de possibilidades de análises futuras e nos apontam que ainda há espaço para desenvolver uma pesquisa mais aprofundada em relação às questões aqui discutidas. É possível pensar como se daria este processo em relação a um crime em que os papéis de assassino e vítima estivessem em

posições contrárias, ou seja, como seria o discurso em relação a um crime em que o homem fosse o assassino e a mulher a vítima? Será que mesmo assim, os traços machistas ressaltados pelo discurso analisado neste trabalho iriam prevalecer? Estas questões nos possibilitam o desenvolvimento de estudos mais aprofundados e reflexões futuras.

Referências Bibliográficas

ARÁN, Márcia; PEIXOTO, Carlos Augusto Júnior. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *Cadernos pagu* (online) v. 28, p. 129-147, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/07.pdf> Acesso em 20.09.2012.

AZERÊDO, Sandra. Preconceito contra a “mulher”: diferença, poemas e corpos. São Paulo: Cortez, 2007.

CORRÊA, Laura Guimarães. Mães cuidam, pais brincam: normas, valores e papéis na publicidade de homenagem. 2011, 305f, Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

DEWEY, John. *Experience and Nature*. New York: Dover Publications Inc., 1925.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (organizadoras). *Acontecimento: Reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 39-51.

FRANÇA, Vera R. Veiga. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. In: *VI SOPCOM*, 2009, Lisboa. p. 1-19.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. L. QUÉRÉ: dos modelos da comunicação. *Revista Fronteiras*, São Leopoldo: UNISINOS, v. V, n. 2, p. 37-51, dez. 2003.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. In: *Caleidoscópio*, Revista de Comunicação e Cultura – Dimensões do acontecimento - Configuração, mediação, tempo e experiência, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – departamento de Ciências da Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação. Edições Universitárias Lusófonas, n. 10, p. 59-72, 1º semestre 2011.

MATOS, Marlise. Teorias de Gênero ou Teorias e Gênero? Se e como os estudos de gênero se transformaram em um novo campo para as ciências. *Revista Estudos Feministas* - Universidade Federal de Santa Catarina. Impresso, v. 16, p. 333-357, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 20.09.2012.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Movimentos Sociais como *acontecimentos*: linguagem e espaço público. *Lua Nova*, Revista de cultura e política, São Paulo, n. 72, p. 115-142, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n72/a05n72.pdf>. Acesso em 17.10.2012.

NASCIMENTO, Cecília Lana. Acontecimento midiático e ressonâncias pragmáticas: a produção de sentido em torno de crimes passionais. 2010. Monografia (Graduação em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

QUÉRÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (Orgs.). Acontecimento: Reverberações. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 21-38.

QUÉRÉ, Louis. O caráter impessoal da experiência. In: LEAL, Bruno S.; GUIMARÃES, César G.; MENDONÇA, Carlos M. C. (Orgs.) Entre o sensível e o comunicacional. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 19-38.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – departamento de Sociologia. Seção de Comunicação, Cultura e Educação, n. 6, p.59-75, 2005.

QUÉRÉ, Louis. A individualização dos acontecimentos no quadro da experiência pública. In: Caleidoscópio, Revista de Comunicação e Cultura – Dimensões do acontecimento - Configuração, mediação, tempo e experiência, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – departamento de Ciências da Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação. Edições Universitárias Lusófonas, n. 10, p. 13-37, 1º sem. 2011.

SCOTT, Joan W. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. The American Historical Review, Vol. 91, No. 5. 1986. Disponível em <http://courses.commarts.wisc.edu/955/documents/scott-gender.pdf> Acesso em 20.09.2012.

SIMÕES, Paula Guimarães. A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica. Logos, ano 16, n.31, p. 67-79, 2º sem. 2009. Disponível em: http://www.logos.uerj.br/PDFS/31/06_logos31_paulasimoes.pdf.

SIMÕES, Paula Guimarães. Ronaldo e a copa de 2002: dons e valores na construção de uma celebridade carismática. In: Ecomig - IV Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social de Minas Gerais, 2011, Belo Horizonte.

SIMÕES, Paula Guimarães. A potencialidade do conceito de acontecimento para a análise da imagem pública das celebridades. Líbero, São Paulo, v.14, n.28, p.129-140, dezembro de 2011.

SIMÕES, Paula Guimarães. O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo. 2012, 282f, Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

Referências do corpus

FIM do conto de fadas. *Veja*, São Paulo, edição 2273, p. 84-90, 13 de junho de 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 28 de outubro de 2012.

MULHER fatal. *Veja*, São Paulo, edição 2273, 13 de junho de 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 28 de outubro de 2012.

REVIRAVOLTA Macabra. *Veja*, São Paulo, edição 2274, p. 88-89, 20 de junho de 2012.
Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 28 de outubro de 2012.

CARTAS dos leitores. *Veja*, São Paulo, edição 2274, p. 36-40, 20 de junho de 2012.
Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 28 de outubro de 2012.